

“Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna. De facto, Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele.»
São João 3,16-17

«As minhas ovelhas escutam a minha voz: Eu conheço-as e elas seguem-me. Dou-lhes a vida eterna, e nem elas hão-de perecer jamais, nem ninguém as arrancará da minha mão. O que o meu Pai me deu vale mais que tudo e ninguém o pode arrancar da mão do Pai. Eu e o Pai somos Um.»
São João 10, 27-30

“Assim falou Jesus. Depois, levantando os olhos ao céu, exclamou: «Pai, chegou a hora! Manifesta a glória do teu Filho, de modo que o Filho manifeste a tua glória, segundo o poder que lhe deste sobre toda a Humanidade, a fim de que dê a vida eterna a todos os que lhe entregaste. Esta é a vida eterna: que te conheçam a ti, único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem Tu enviaste.»
São João 17,1-3

“Levantou-se, então, um doutor da Lei e perguntou-lhe, para o experimentar: «Mestre, que hei-de fazer para possuir a vida eterna?» Disse-lhe Jesus: «Que está escrito na Lei? Como lê?» O outro respondeu: «*Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.*»² Disse-lhe Jesus: «Respondeste bem; faz isso e viverás.»
São Lucas 10, 25-28

“Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não é sujeito a julgamento, mas passou da morte para a vida.»
São João 5,24

«Creio na *vida eterna*»: assim professa a nossa fé, e a esperança cristã encontra nestas palavras um ponto fundamental de apoio. De facto, «é a virtude teológica pela qual desejamos (...) a vida eterna como nossa felicidade». Papa Francisco, Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário 2025, 19

«Se faltam o fundamento divino e a esperança da vida eterna, a dignidade humana é gravemente lesada, como tantas vezes se verifica nos nossos dias, e os enigmas da vida e da morte, do pecado e da dor ficam sem solução, o que frequentemente leva os homens ao desespero».
Const. past. *Gaudium et spes*, n. 21.

“A vida é uma espera contínua e atenta, uma peregrinação rumo à vida eterna, o cumprimento final que dá sentido e plenitude ao nosso caminho terreno. Misteriosamente associados à paixão de Cristo, podemos fazer da nossa existência uma oferta apreciada pelo Senhor, um sacrifício voluntário de amor”
Bento XVI, homília de 5/11/2009

“**A morte é o abraço** do Senhor, a ser vivido com esperança.”
Papa Francisco

“para aqueles que, ao perseverarem na prática do bem, procuram a glória, a honra e a incorruptibilidade, será a vida eterna»
São Paulo aos Romanos 2,7

“quem semear na própria carne, da carne colherá a corrupção; quem semear no Espírito, do Espírito colherá a vida eterna. E não nos cansemos de fazer o bem; porque, a seu tempo colheremos, se não tivermos esmorecido. Portanto, enquanto temos tempo, pratiquemos o bem para com todos, mas principalmente para com os irmãos na fé.”
São Paulo aos Gálatas 6, 8-10

«A separação dos próprios familiares é dolorosa, o acontecimento da morte é um enigma cheio de inquietude, mas para os crentes qualquer que seja o modo como acontece, está sempre iluminada pela "esperança da imortalidade". A fé ampara-nos nestes momentos humanamente cheios de tristeza e de angústia: "Aos teus olhos a vida não é tirada mas transformada – recorda a liturgia – e enquanto se destrói a habitação deste exílio terreno, é preparada uma habitação eterna no Céu".»
Papa Bento XVI, homília de 5/11/2009

“Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não é sujeito a julgamento, mas passou da morte para a vida. Em verdade, em verdade vos digo: chega a hora - e é já - em que os mortos hão-de ouvir a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão, pois, assim como o Pai tem a vida em si mesmo, também deu ao Filho o poder de ter a vida em si mesmo; e deu-lhe o poder de fazer o julgamento, porque Ele é Filho do Homem. Não vos assombréis com isto: é chegada a hora em que todos os que estão nos túmulos hão-de ouvir a sua voz, e sairão: os que tiverem praticado o bem, para uma ressurreição de vida...”

São João 5,24-29

«Deus é Pai, e até ao último instante espera o nosso retorno. E ao filho pródigo, que regressando começa a confessar as suas culpas, o pai fecha-lhe a boca com um abraço (cf. Lc 15, 20). Este é Deus: ama-nos deste modo! O paraíso não é um lugar de fábula, nem sequer um jardim encantado. O paraíso é o abraço com Deus, Amor infinito, e entramos nele graças a Jesus, que morreu na cruz por nós.»

Papa Francisco na Audiência Geral de 25/10/2017

«Cristo morreu, foi sepultado, ressuscitou, apareceu. Por nós, passou através do drama da morte. O amor do Pai ressuscitou-O na força do Espírito, fazendo da sua humanidade as primícias da eternidade para a nossa salvação. A esperança cristã consiste precisamente nisto: face à morte onde tudo parece acabar, através de Cristo e da sua graça que nos foi comunicada no Batismo, recebe-se a certeza de que «a vida não acaba, apenas se transforma», para sempre.»

Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário 2025, 20

Onde há Jesus, há misericórdia e felicidade; sem Ele há frio e trevas. Na hora da morte, o cristão repete a Jesus: “Recorda-te de mim”. E mesmo se não houvesse mais ninguém que se recorda de nós, Jesus está ali, ao nosso lado. Quer levar-nos para o lugar mais bonito que existe. Deseja levar-nos lá com aquele pouco ou tanto de bom que houve na nossa vida, para que nada seja perdido do que Ele já tinha redimido. E para a casa do Pai levará também tudo o que em nós ainda precisa de ser resgatado: as faltas e os erros de uma vida inteira. Esta é a meta da nossa existência: que tudo se cumpra, e seja transformado em amor. Se acreditarmos nisto, a morte deixa de nos amedrontar, e podemos também ter a esperança de partir deste mundo de maneira serena, com muita confiança. Quem conheceu Jesus, já nada teme.

Papa Francisco na Audiência Geral de 25/10/2017

E naquele instante (da morte), finalmente, já não teremos necessidade de nada, já não veremos de maneira confusa. Já não choraremos inutilmente, porque tudo passou; também as profecias, inclusive o conhecimento. Mas o amor não, esse permanece. Porque “a caridade jamais acabará (cf. 1 Cor 13,8)”».

Papa Francisco na Audiência Geral de 25/10/2017

Pela «virtude da esperança na qual fomos salvos, vendo passar o tempo, temos a certeza que a história da humanidade e a de cada um de nós não correm para uma meta sem saída nem para um abismo escuro, mas estão orientadas para o encontro com o Senhor da glória.»

Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário 2025, 19

«Com efeito, sepultados juntamente com Cristo no Batismo, recebemos n’Ele, ressuscitado, o dom duma vida nova, que derruba o muro da morte, fazendo dela uma passagem para a eternidade.»

Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário 2025, 20

«E se diante da morte, dolorosa separação que nos obriga a deixar os nossos entes queridos, não é possível qualquer retórica, o Jubileu oferecer-nos a oportunidade de descobrir, com imensa gratidão, o dom daquela vida nova recebida no Batismo, capaz de transfigurar o seu drama.»

Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário 2025, 20

«O testemunho mais convincente desta esperança, (na vida eterna) é-nos oferecido pelos *mártires* que, firmes na fé em Cristo ressuscitado, foram capazes de renunciar à própria vida da terra para não trair o seu Senhor.»

Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário 2025, 20

« Então, que será de nós depois da morte? Com Jesus, além deste limiar, há a vida eterna, que consiste na plena comunhão com Deus, na contemplação e participação do seu amor infinito. Tudo o que agora vivemos na esperança, vê-lo-emos então na realidade.»

Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário 2025, 21

«Quando me unir a Vós com todo o meu ser, não existirá para mim em lado algum dor e tristeza. A minha vida será uma vida verdadeira, totalmente cheia de Vós».

Santo agostinho *Confissões*, X, 28.

O Senhor convida-nos a estarmos preparados para o encontro, a morte é um encontro: «é Ele quem vem nos encontrar, é Ele quem vem nos pegar pela mão e nos levar até Ele. Eu não gostaria que esta simples pregação fosse um aviso fúnebre! É simplesmente Evangelho, é simplesmente vida, é simplesmente dizer um ao outro: somos todos vulneráveis e todos temos uma porta à qual o Senhor um dia baterá.»

Papa Francisco, homilia na casa Santa Marta, 29/11/2019

Então, o que caracterizará tal plenitude de comunhão? O ser feliz. A *felicidade* é a vocação do ser humano, uma meta que diz respeito a todos.

Mas, o que é a felicidade? Que felicidade esperamos e desejamos? Não uma alegria passageira, uma satisfação efémera que, uma vez alcançada, volta sempre a pedir mais, numa espiral de avidez em que o espírito humano nunca se encontra saciado, antes sente-se cada vez mais vazio. Precisamos duma felicidade que se cumpra definitivamente naquilo que nos realiza, ou seja, no amor, para se poder dizer já agora: sou amado, logo existo; e existirei para sempre no Amor que não desilude e do qual nada e ninguém me poderá separar. Recordemos ainda as palavras do Apóstolo: «Estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem as potestades, nem a altura nem o abismo, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, Senhor nosso» (Rm 8, 38-39).

« Outra realidade ligada à vida eterna é o *juízo de Deus*, quer no termo da nossa existência quer no fim dos tempos. Muitas vezes a arte tentou representá-lo – pensemos na obra-prima de Michelangelo, na Capela Sistina –, atendo-se à conceção teológica da época e transmitindo um sentimento de temor a quem o observa. Se é justo preparar-se com viva consciência e seriedade para o momento que recapitula a existência, ao mesmo tempo é necessário fazê-lo sempre na dimensão da esperança, virtude teologal que sustenta a vida e nos permite não cair no medo.»

Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário 2025, 22

«O juízo de Deus, que é amor (cf. 1 Jo 4, 8.16), só poderá basear-se no amor, especialmente naquele que tivermos, ou não, praticado para com os mais necessitados, nos quais Cristo, o próprio Juiz, está presente (cf. Mt 25, 31-46). Trata-se, portanto, dum juízo diferente do juízo dos homens e dos tribunais terrenos; deve ser entendido como uma relação de verdade com Deus-amor e consigo mesmo dentro do mistério insondável da misericórdia divina.»

Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário 2025, 22

«Como escreveu Bento XVI, «no momento do Juízo, experimentamos e acolhemos este prevalecer do seu amor sobre todo o mal no mundo e em nós. A dor do amor torna-se a nossa salvação e a nossa alegria». Por conseguinte, o juízo diz respeito à salvação na qual esperamos e que Jesus nos obteve com a sua morte e ressurreição. Visa abrir ao encontro definitivo com Ele. E, como em tal contexto não se pode pensar que o mal cometido permaneça oculto, o mesmo precisa de ser *purificado*, para nos permitir a passagem definitiva ao amor de Deus.»

Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário 2025, 22

O sacramento da Penitência assegura-nos que Deus apaga os nossos pecados. Vêm à mente, com toda a sua carga de consolação, estas palavras do Salmo: «É Ele quem perdoa as tuas culpas e cura todas as tuas enfermidades. É Ele quem resgata a tua vida do túmulo e te enche de graça e de ternura. (...) O Senhor é misericordioso e compassivo, é paciente e cheio de amor. (...) Não nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos castigou segundo as nossas culpas. Como é grande a distância dos céus à terra, assim são grandes os seus favores para os que O temem. Como o Oriente está afastado do Ocidente, assim Ele afasta de nós os nossos pecados» (*Sal* 103, 3-4.8.10-12).
Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário 2025, 23

A Reconciliação sacramental não é apenas uma estupenda oportunidade espiritual, mas representa um passo decisivo, essencial e indispensável no caminho de fé de cada um. Ali permitimos ao Senhor que destrua os nossos pecados, sare o nosso coração, nos levante e abrace, nos faça conhecer o seu rosto terno e compassivo. Na verdade, não há modo melhor de conhecer a Deus do que deixar-se reconciliar por Ele (cf. 2 Cor 5, 20), saboreando o seu perdão.
Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário 2025, 23

«... sabemos bem e experimentamos no nosso caminho que não faltam dificuldades nem problemas nesta vida, que existem situações de sofrimento e de dor, momentos difíceis de compreender e de aceitar. Mas tudo adquire valor e significado se for considerado na perspectiva da eternidade. De facto, cada prova, acolhida com paciência perseverante e oferecida pelo Reino de Deus, vem em nosso benefício espiritual já aqui na terra e sobretudo na vida futura, no Céu. Estamos de passagem neste mundo, provados como o ouro, afirma a Sagrada Escritura (cf. *Sb* 3, 6). Misteriosamente associados à paixão de Cristo, podemos fazer da nossa existência uma oferenda agradável ao Senhor, um sacrifício voluntário de amor.»
Papa Bento XVI, homilia de 5/11/2009

«Pelo batismo, entramos na família de Deus «Esta família de Deus, esta companhia de amigos é eterna, porque é comunhão com Aquele que venceu a morte, que tem nas mãos as chaves da vida. Estar na companhia, na família de Deus, significa estar em comunhão com Cristo, que é vida e dá amor eterno além da morte. E se podemos dizer que amor e verdade são fontes de vida, são a vida e uma vida sem amor não é vida podemos dizer que esta companhia com Aquele que é vida realmente, com Aquele que é o Sacramento da vida, responderá à vossa expectativa, à vossa esperança. Sim, o Batismo insere na comunhão com Cristo e assim dá vida, a vida.»
Papa Bento XVI, Homilia de dia 8/1/2006

«O Senhor é meu pastor, nada me falta [...] Mesmo que atravesse vales sombrios, nenhum mal temerei, porque estais comigo» (*Sal* 23[22], 1.4). O verdadeiro pastor é Aquele que conhece também o caminho que passa pelo vale da morte; Aquele que, mesmo na estrada da derradeira solidão, onde ninguém me pode acompanhar, caminha comigo servindo-me de guia ao atravessá-la: Ele mesmo percorreu esta estrada, desceu ao reino da morte, venceu-a e voltou para nos acompanhar a nós agora e nos dar a certeza de que, juntamente com Ele, acha-se uma passagem. A certeza de que existe Aquele que, mesmo na morte, me acompanha e com o seu «bastão e o seu cajado me conforta», de modo que «não devo temer nenhum mal» (cf. *Sal* 23[22],4): esta era a nova «esperança» que surgia na vida dos crentes.
Spe Salvi, Bento XVI, nº 6

A fé não é só uma inclinação da pessoa para realidades que hão-de vir, mas estão ainda totalmente ausentes; ela dá-nos algo. Dá-nos já agora algo da realidade esperada, e esta realidade presente constitui para nós uma «prova» das coisas que ainda não se veem. Ela atrai o futuro para dentro do presente, de modo que aquele já não é o puro «ainda não». O facto de este futuro existir, muda o presente; o presente é tocado pela realidade futura, e assim as coisas futuras derramam-se naquelas presentes e as presentes nas futuras.
Spe Salvi, Bento XVI, nº 6

Tomás de Aquino,[4] servindo-se da terminologia da tradição filosófica em que se encontra, explica: a fé é um « *habitus* », ou seja, uma predisposição constante do espírito, em virtude do qual a vida eterna tem início em nós e a razão é levada a consentir naquilo que não vê.

Spe Salvi, Bento XVI, nº 6

o Evangelho nos convida a considerar o futuro que nos espera e para o qual nos devemos preparar durante a nossa peregrinação na terra. A salvação, que Jesus realizou com a sua morte e ressurreição, é universal. Ele é o único Redentor e convida todos para o banquete da vida imortal. Mas a uma só e igual condição: a de se esforçar por segui-lo e imitá-lo, assumindo sobre si, como Ele fez, a própria cruz e dedicando a vida ao serviço dos irmãos. Portanto, esta condição para entrar na vida celeste é única e universal.

Papa Bento XVI, *Angelus*, 26/9/2007

"Comemos e bebemos contigo e Tu ensinaste nas nossas praças" (Lc 13, 26). A verdadeira amizade com Jesus expressa-se no modo de viver: expressa-se com a bondade do coração, com a humildade, com a mansidão e a misericórdia, o amor pela justiça e a verdade, o compromisso sincero e honesto pela paz e pela reconciliação. Poderíamos dizer que é este o "bilhete de identidade" que nos qualifica como seus autênticos "amigos"; é este o "passaporte" que nos permitirá entrar na vida eterna.

Papa Bento XVI, *Angelus*, 26/9/2007

Dizer sim à vida « se expressa nos dez Mandamentos, que não são um pacote de proibições, de "não", mas na realidade apresentam uma grande visão de vida. São um "sim" à família (quarto mandamento); "sim" à vida (quinto mandamento); "sim" ao amor responsável (sexto mandamento); "sim" à solidariedade, à responsabilidade social, à justiça (séptimo mandamento); "sim" à verdade (oitavo mandamento), "sim" ao respeito do próximo e do que lhe é próprio (nono e décimo mandamentos). É esta a filosofia da vida, a cultura da vida, que se torna concreta, praticável e bela na comunhão com Cristo, o Deus vivo, que caminha connosco na companhia dos seus amigos, na grande família da Igreja. O Baptismo é dom de vida. É um "sim" ao desafio de viver verdadeiramente a vida, dizendo "não" ao ataque da morte que se apresenta com a máscara da vida; e é "sim" ao grande dom da verdadeira vida, que se fez presente no rosto de Cristo, o qual se doa a nós no Baptismo e depois na Eucaristia.

Bento XVI, homília, Capela Sistina, 8 de janeiro de 2006

«Gostaria de dizer a quantos se sentem indiferentes a Deus, à fé, a quantos estão distantes de Deus ou a quem o abandonou, também a nós, com as nossas «distâncias» e os nossos «abandonos» de Deus, talvez pequenos, mas há muitos na vida quotidiana: olha no fundo do teu coração, olha no íntimo de ti mesmo e interroga-te: tens um coração que aspira a algo de grande, ou um coração entorpecido pelas coisas? O teu coração conservou a inquietação da procura, ou permitiste que ele fosse sufocado pelos bens, que no fim o atrofiam? Deus espera por ti, procura-te: o que respondes? Apercebeste-te desta situação da tua alma, ou ainda dormes? Acreditas que Deus te espera, ou para ti esta verdade são somente «palavras»?»

Papa Francisco, homília, 28/08/2013

O abraço de Deus certamente já o recebemos sem nos darmos conta, pois nem sempre se revela em corporeidade intensa e próxima, mas não deixa nunca de nos acolher por inteiro. O abraço de Deus não se limita a uma única manifestação. E, por isso, vai-se manifestando de diversas formas permitindo que O possamos reconhecer em todos e em qualquer instante. Afinal de contas, Ele vive desde sempre abraçado a nós.

Emanuel António Dias Mestre em Psicologia da Educação e do Desenvolvimento Humano.

NOVEMBRO

Citações para a arca da esperança

SDEC | Diocese do Porto